

Formação e atuação das mulheres arquitetas em Minas Gerais (anos 1930-1960)

Adriana Ferreira dos Santos Esperidião¹, Maristela Siolari da Silva²

¹ Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Viçosa, 36570-900, Viçosa/MG, Brasil

² Professora no Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Viçosa, 36570-900, Viçosa/MG, Brasil

* E-mail do autor correspondente: adriana.esperidiao@ufv.br

Submetido em: 30 out. 2020. Aceito em: 19 dez. 2020

Resumo

Este artigo traz parte dos resultados obtidos no desenvolvimento da pesquisa "Por Elas na historiografia da arquitetura moderna brasileira" que busca identificar as mulheres arquitetas e urbanistas que se diplomaram e atuaram de 1920 a 1940, nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, e que foram reconhecidas por seus pares e, assim, analisar o cenário da arquitetura moderna sob a perspectiva de gênero e a invisibilização das mulheres e de suas produções. Este trabalho destaca os resultados obtidos no recorte de Belo Horizonte e baseou-se em acervos documentais e nos periódicos da revista *Arquitetura e Engenharia* para analisar a inserção feminina na educação em Belo Horizonte, especificamente na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, e no mercado de trabalho no período em questão, estendido nesse plano em função do surgimento tardio do curso de arquitetura na capital. Observou-se que a presença das mulheres na arquitetura aumentou gradativamente ao longo dos anos, e, hoje, representa maioria na profissão. São apresentadas as arquitetas mineiras que se destacaram no período e suas obras. Tais arquitetas são consideradas exceções à lógica social de hierarquia de gênero que se perpetua.

Palavras-chave: arquitetura moderna brasileira, mulheres, historiografia da arquitetura.

Abstract

University education and performance of women architects in Minas Gerais state (from the 1930s to 1960s)

This paper highlights some of the results obtained in the development of the research "Herstoriography of modern Brazilian architecture". The project aimed to identify women architects and urban planners recognized by their peers who graduated and worked from 1920 to 1940, in the cities of Rio de Janeiro, São Paulo and Belo Horizonte. In this sense, the research analyzed the scenario of modern architecture from the gender perspective as well as the invisibility of women and their productions. This work highlights the results obtained in Belo Horizonte city and it was based on data collection in archives and in the journals of the *Arquitetura e Engenharia* magazine. Specifically, the subproject aimed to analyze the female insertion in education in Belo Horizonte, especially at the School of Architecture of the Universidade Federal de Minas Gerais, as well as in the labor market. It is important to emphasize the late appearance of the architecture undergraduation in Belo Horizonte. Finally, it was observed that the presence of women in architecture has gradually increased over

the years, and today it represents a majority in the profession. The results show the female architects who stood out in the period, as well as their works. Such architects are considered exceptions to the social logic of gender hierarchy that is perpetuated over years.

Key words: modern Brazilian architecture, women, historiography of architecture.

Introdução

A divisão social do trabalho, historicamente, relegou às mulheres a ocupação com atividades de trabalho domésticas, e sua inserção no mercado de trabalho construiu-se como extensão do labor exercido no lar. Na arquitetura, de modo semelhante, a decoração de ambientes e a jardinagem se deram como primeiras oportunidades de ocupação feminina. Como em outras áreas, a narrativa da historiografia arquitetônica no Brasil é elaborada sob a ótica das grandes construções, projetadas majoritariamente por homens.

Hoje as mulheres representam mais de 60% dos profissionais de arquitetura no Brasil (CAU/BR - Datafolha 2019), em uma tendência crescente, portanto a invisibilização das mulheres e de suas obras não se dá pela falta de produção feminina no campo. A marginalização da mulher na arquitetura se faz da valorização da narrativa homem-centrada, em função da incorporação inconsciente das estruturas de padrão de dominação masculina.

[...] a desigualdade generalizada e profundamente enraizada de oportunidades e tratamento profissional, bem como uma cultura de trabalho dominado por homens, está no cerne do abandono da maioria das mulheres da arquitetura (STRATIGAKOS, 2016, p.27, tradução nossa)¹.

Quanto ao estabelecimento de parcerias intergênero, a atuação feminina está sobretudo condicionada à parceria masculina, como o caso

da engenheira Carmem Portinho, primeira mulher a ganhar o título de urbanista no Brasil, e quem incorporou o conceito de habitação popular no país. Sua principal obra, que esteve, inclusive, sob sua chefia, foi a proposição do **conjunto** Pedregulho na cidade do Rio de Janeiro, em parceria com seu esposo Affonso Eduardo Reidy. E o caso de Maria Josefina de Vasconcellos, conhecida como Jô Vasconcellos, formada em 1971 pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EA/UFMG), arquiteta ligada à produção pós-moderna, especialista em paisagismo e restauração e conservação de monumentos e conjuntos históricos. Companheira e sócia de Éolo Maia, teve como uma de suas importantes obras, a restauração da Praça da Liberdade, localizada no centro de Belo Horizonte. Sempre lidas de modo secundário ao papel de seus maridos, para ambas, o efeito da construção social de papéis de gênero teve como consequência direta a não plenitude de sua valorização e importância no cenário arquitetônico brasileiro.

Soma-se a isto, o fenômeno conhecido como *star architects*, no qual se atribui a autoria de obras importantes e reconhecidas na história a personalidades únicas e isoladas, de destaque, e não às equipes envolvidas na incubação dos projetos. Esse fator também é contribuinte para referendar a invisibilidade das mulheres arquitetas no país e no mundo.

¹ [...] the pervasive and deeply rooted inequality of professional opportunities and treatment as well as a meledominated workplace that lie at the heart of most

women's exodus from architecture. (STRATIGAKOS, 2016, p.27)

Apesar da feminização da Arquitetura e Urbanismo, a escassez de representatividade feminina também é um dos fatores responsáveis por desencorajar a inserção de novas arquitetas no mercado e limitá-las a áreas historicamente lidas como de trabalho de refinamento manual e estético, como preservação, paisagismo, interiores, bem como a áreas de ensino e pesquisa. Outros fatores determinantes para evasão da mulher no mercado de trabalho podem ser reconhecidos, como a inequidade salarial e a dificuldade em estabelecer uma rotina de trabalho conciliada às tarefas do lar, fruto da histórica sobrecarga de trabalho e dupla jornada feminina. Nesse sentido, muitas mulheres optam pela inserção em ambiente já consolidados, habitualmente liderados por homens, esvaindo-se da possibilidade de destaque social e reconhecimento individual pelos projetos elaborados.

Apenas a partir de 1970, ganham força as publicações e revisão da literatura sobre a ausência das mulheres na historiografia da arquitetura e urbanismo, além de crescentes eventos abordando a temática. O protagonismo acerca da Consciência de Gênero toma forma com a ampliação da participação das mulheres na produção acadêmica, historiográfica e no cenário universitário. Zeladas pelo tratamento canônico, Lina Bo Bardi e Zaha Hadid permanecem por muito tempo como as únicas arquitetas de reconhecimento por seus pares, tidas como exceção à regra de invisibilidade feminina na atuação profissional da área. “Por exemplo, os estudantes raramente são expostos aos papéis históricos das mulheres na arquitetura, seja como construtores, clientes ou críticos” (STRATIGAKOS, 2016, p. 23, tradução nossa)².

Diante do exposto, a pesquisa “Por elas na historiografia da arquitetura moderna brasileira” busca analisar a participação das mulheres, arquitetas e urbanistas, na formação e consolidação da arquitetura moderna brasileira. É importante esclarecer que a pesquisa se restringe a uma perspectiva cisgênera, reconhecendo as limitações desse recorte frente à uma abordagem mais ampla, que incorporasse e legitimasse a participação, também, de pessoas do espectro transgênero. Entretanto, pelo recorte temporal adotado, considerou-se ínvio o resgate das informações necessárias.

Dessa forma, seu objetivo geral é de identificar as mulheres arquitetas e urbanistas que se diplomaram e atuaram nos anos de 1920 a 1940, nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte e que foram reconhecidas por seus pares. Este artigo se dedica, especificamente, às mulheres diplomadas em arquitetura e urbanismo na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, fundada em 1930, em Belo Horizonte. Desta forma, o recorte temporal foi redefinido para os anos 1930 a 1960.

Material e Métodos

Esta pesquisa, de caráter exploratório e descritivo, estruturou-se em seis etapas de trabalho, a saber:

Etapa 1) Levantamento e revisão bibliográfica;

Etapa 2) Identificação das mulheres graduadas em Arquitetura e Urbanismo na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, entre 1930 e 1960;

Etapa 3) Consulta junto aos órgãos de classe CAU, CREA e IAB para a identificação das

² “For example, students are rarely exposed to the historic roles of women in architecture, whether as

builders, clientes, or critics” (STRATIGAKOS, 2016, p. 23)

mulheres que atuaram na profissão após se graduarem;

Etapa 4) Análise dos periódicos publicados da Revista *Arquitetura e Engenharia* para identificação de referência a mulheres e, assim, identificar aquelas que tiveram reconhecimento de sua produção por seus pares;

Etapa 5) Entrevistas a ex-alunos da Escola de Arquitetura;

Etapa 6) Levantamento da biografia e produções das arquitetas que mais se destacaram.

Resultados e Discussões

As mulheres no meio educacional mineiro

A partir do início do século XIX surgiram as primeiras Escolas de Arquitetura no país, vinculadas ao curso de Belas Artes ou de Engenharia. Entretanto, a tardia incorporação de profissionais arquitetos no mercado de trabalho somada à imposição cultural às mulheres, que reforçavam as obrigações e exigências da mulher na sociedade e no lar, contribuíram para uma inserção feminina ainda mais lenta nos estudos e no mercado de trabalho, acompanhando a lógica social não apenas limitada à arquitetura.

Nas primeiras décadas do século XX, a jovem cidade de Belo Horizonte, inaugurada em 1822, estava inserida em um contexto de crescimento urbano que os ideais modernistas ganharam espaço. Intelectuais e profissionais, todos homens de áreas diversas, idealizaram a criação de uma instituição de ensino superior no campo da Arquitetura e da Artes, vista a pouca oferta de profissionais para suprir a demanda da capital.

³ A quantidade de matriculados na Escola está disponível em *História da Universidade Federal de Minas Gerais*, que também contém um quadro resumo da quantidade de graduados, entretanto sem identificação. A lista de diplomados no curso de arquitetura identificados por nome foi encontrada em

“Havia um descontentamento com a continuidade da arquitetura neoclássica deixada pela Comissão Construtora e implantada até aqueles dias” (RIBEIRO, 2016, p. 6).

Sendo assim, em 5 de agosto de 1930, foi fundada a Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, primeira do Brasil desvinculada das Escolas Politécnicas de Belas Artes e Filosofia ou de Engenharia. Em 1946, a Escola foi vinculada à Universidade de Minas Gerais – UMG, que se federalizou logo em seguida, em 1949. A Escola ganhou uma sede própria (Figura 1) no final dos anos 1940, compreendendo um importante exemplar da arquitetura moderna em Minas Gerais, que se mantém sede até hoje.



Figura 1. Escola de arquitetura em imagem antiga
Fonte: MORAES, Eduardo R. Affonso. **História da Universidade Federal de Minas Gerais**, 1971.

Em pesquisa ao acervo da Biblioteca Geral da Universidade Federal de Minas Gerais e ao acervo da Biblioteca Prof. Raffaello Berti, obteve-se acesso à quantidade de matriculados e de diplomados na Escola de Arquitetura, com uma pequena disparidade de dados entre as fontes³. A Escola teve sua primeira turma de formandos em

outras duas fontes: *1930 - 1970 Escola de Arquitetura da UFMG* e *Escola de arquitetura da UFMG. Lembranças do passado, visão do futuro*, o último mais recente, portanto considerado para a presente pesquisa.

1936, seguindo a antiga grade curricular de seis anos, conservada até 1943, quando foi alterada para cinco anos.

A relação dos alunos matriculados no curso de arquitetura na Escola foi encontrada disponível apenas entre os anos de 1946 a 1960, sendo de 1.625 alunos, não identificados pelo gênero. Destes, apenas 229 se diplomaram, recebendo o título de engenheiros-arquitetos, sendo que nos anos de 1939 e 1943 não houve turmas de formandos. Não possuem relatos do número de

matriculados anteriormente a 1946, tampouco uma análise sob perspectiva de gênero, mas pela lista de graduados sabe-se que 29 alunos concluíram a graduação anteriormente a 1946, totalizando 258 diplomados no período selecionado para a pesquisa (1930-1960). Desses, há um número reduzido de mulheres: um total de 13 (Quadro 1), que corresponde a aproximadamente 5% do total de diplomados.⁴

Quadro 1. Mulheres que ingressaram e se diplomaram na Escola de Arquitetura da UFMG entre 1930 e 1960

Nome	Ano de Entrada	Ano de Formação
Dalva de Siqueira Queiroz	sem registro	1949
Benedita Maria de Carvalho Gatto	sem registro	1954
Deisi Ottoni Barbosa	sem registro	1955
Suzy Pimenta de Mello	1952	1956
Frieda Froeseler	sem registro	1958
Isabel Soares Veloso	sem registro	1958
Maria das Mercês de Vasques Bittencourt	1954	1958
Maria Lúcia Ribeiro Gouvêa	sem registro	1958
Maria da Penha Araújo	sem registro	1959
Mirza Maria Horta Carvalho	sem registro	1959
Marina Ewelín Wasner Machado	1956	1960
Marlene Silva Pereira	sem registro	1960
Wanda Vasconcelos	sem registro	1960

Fonte: Dados obtidos na lista de diplomados disponível no livro *Escola de arquitetura da UFMG. Lembranças do passado, visão do futuro* e no curriculum das arquitetas disponível na pesquisa *Arquitetura numa cidade moderna – ensino e produção (1930-1964)* e na Coleção Memória da EA/UFMG.

⁴ Nas fontes consultadas, não foi possível identificar os matriculados por gênero.

Observa-se na imagem (Figura 2) a presença de uma mulher como parte da primeira turma de alunos da Escola. Entretanto, apenas em 1949, a primeira mulher se diplomou pela Escola de Arquitetura da UFMG. Isso supõe que, anteriormente, mulheres ingressaram no curso de arquitetura, mas, por algum motivo, não concluíram a graduação.



Figura 2. Parte da primeira turma – 1936 Fonte: 1930-1970 Escola de Arquitetura UFMG

A primeira geração de professores da Escola possuía uma forma de ensino mais tradicional, com pouca participação dos alunos, e pouco inovavam nos métodos de ensino, temáticas e avaliações (OLIVEIRA; PERPÉTUO, 2005). A partir da década de 1950, com o reconhecimento nacional da Escola e o crescente número de matriculados no curso, a demanda por mais professores cresceu. Sendo assim, os primeiros alunos formados na Escola, como Shakespeare Gomes, Raphael Hardy Filho, Sylvio de Vasconcellos e Eduardo Mendes Guimarães, passam a atuar como professores, caracterizando um perfil moderno e mais atualizado para a Escola, que diversificou o desenvolvimento acadêmico. Nesse período de transição de ensino paralela à produção da arquitetura moderna no Brasil e em Belo Horizonte, o curso de urbanismo foi implementado na Escola de Arquitetura como pós-graduação em 1950, mas apenas em 1961 contou

com a presença feminina. Em 1959, a EA/UFMG criou a Seção de Pesquisas da Escola, trabalho iniciado pelas professoras Suzy Pimenta de Mello e Maria das Mercês Vasques Bittencourt (LEMOS; DANGELO; CARSALADE, 2010).

Ainda que com uma nova identidade mais moderna e liberal e com o aumento progressivo de mulheres matriculadas no curso de arquitetura, a inserção das mulheres na Escola, como alunas e/ou professoras, foi e ainda é muito discriminada em um ambiente majoritariamente masculino (Figura 3). Um ex-aluno da Escola, diplomado em 1978, relata que as mulheres já eram maioria em sua turma, o que ele aponta ser incomum e justifica que ainda havia uma “desconfiança” da participação de mulheres em cursos voltados à área tecnológica, como engenharia e arquitetura. Ele exemplifica a hierarquia de professores e alunos, em especial de gênero, quando se recorda de um professor que não gostava da presença feminina em sala de aula e falava abertamente que uma turma com mais mulheres deveria se transformar, colocando máquinas de costura no lugar das pranchetas, desconsiderando a importância das mulheres na formação de arquitetura e propagando um pensamento sexista.

Maria das Mercês de Vasques Bittencourt, Marina Ewelín Wasner Machado e Suzy Pimenta de Mello foram professoras do entrevistado, únicas professoras mulheres que ele recorda ter tido durante a graduação, mas ainda assim não havia nas disciplinas um conteúdo de relevância à questão de gênero, salve o reconhecimento a Lina Bo Bardi.

[...] o desequilíbrio de gênero entre os professores de projeto das escolas de arquitetura quase certamente contribuiu para a ausência de tais temas nas disciplinas de

projeto. (STRATIGAKOS, 2016, p.24, tradução nossa)⁵



Figura 3. Alunos na sala de aula. Escola de Arquitetura

Fonte: ESCOLA DE ARQUITETURA DA UFMG: lembranças do passado, visão do futuro.

As mulheres na profissão

Os órgãos de classe não atenderam às demandas da pesquisa: o IAB-MG não possuía as informações desejadas e o CREA transferiu os dados referentes ao credenciamento de arquitetos ao CAU, que por sua vez alegou questão de direito à privacidade dos credenciados. Dessa forma, das arquitetas diplomadas pela Escola foram identificadas as trajetória e/ou referência a produções de apenas cinco delas: Deisi Ottoni Barbosa, Suzy Pimenta de Mello, Isabel Soares Veloso, Maria das Mercês de Vasques Bittencourt e Marina Ewelín Wasner Machado.

Maria Bittencourt, Marina Ewelín e Suzy de Mello foram destaque nessa pesquisa. Colegas de

profissão, as arquitetas se dedicaram à carreira universitária e trabalharam em conjunto na EA/UFMG (Figura 4).



Figura 4. Professoras Maria das Mercês Vasques Bittencourt, Marina Ewelín Wasner Machado e Suzy de Mello

Fonte: ESCOLA DE ARQUITETURA DA UFMG: lembranças do passado, visão do futuro.

Maria das Mercês Vasques Bittencourt ⁶ é mineira natural de São João del Rei, nasceu em 21 de setembro de 1934, filha de João Batista Vasques de Miranda Júnior e Maria Antonieta Melo Silva Vasques. Quando criança se mudou com a família pra Belo Horizonte, onde frequentou o ensino básico. Após fazer concursos de habilitação em matemática, física, desenho geométrico e artístico, passou em segundo lugar no vestibular, dando início à graduação na Escola de Arquitetura em 1954 e, destaque entre os alunos da turma, colou grau em 1958. Recebeu o título de engenheira-arquiteta e se registrou no CREA em 1960. A arquiteta fez pós-graduação em urbanismo, também pela EA/UFMG, em 1961/62, juntamente com as colegas Suzy Pimenta de Mello

⁵ [...] the gender imbalance among design faculty at architecture schools has almost certainly contributed to the absence of such themes in studio courses. (STRATIGAKOS, 2016, p.24)

⁶ Dados coletados no curriculum da arquiteta disponível em *Arquitetura numa cidade moderna – ensino e produção (1930-1964)* e nos arquivos da Coleção

Memória do acervo da Biblioteca Prof. Raffaello Berti, e no link <<https://luizfernandohissedecastro.blogspot.com/2012/09/familia-vasques-de-miranda.html>>.

e Marina Ewellin Wasner Machado, a primeira turma com mulheres.

Maria das Mercês se casou com o médico Dário Bittencourt, adotando seu sobrenome, que deu lugar ao “Miranda”, ainda encontrado em alguns documentos durante a pesquisa. Ao longo de sua carreira profissional, participou de congressos e comissões, foi auxiliar de pesquisa, pesquisadora, professora, escreveu livros e artigos, coordenou o Curso de Arquitetura e Urbanismo no Colegiado da Graduação e o PIMEG/ARQ (Programa Integrado de Melhoria de Ensino de Graduação em Arquitetura), foi tutora do PET/Arquitetura (Programa Especial de Treinamento) e foi coordenadora e subchefe do departamento ACR (Departamento de Análise Crítica e Histórica da Arquitetura e do Urbanismo da EA/UFMG).

Além disso, Maria das Mercês tornou-se especialista em Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos, tema em que realizou diversos trabalhos, publicações e projetos. A arquiteta lecionou na EA/UFMG as disciplinas de Teoria da Arquitetura, História da Arquitetura, Projeto como professora adjunta da Prof.^a Suzy de Mello, e também deu aulas na Escola de Belas Artes. Em 2005 recebeu o título de professora emérita da UFMG. Não há relatos de projetos arquitetônicos, de interiores ou urbanísticos de sua autoria, o que supõe que a arquiteta se dedicou exclusivamente à carreira acadêmica e literária.

Marina Ewellin Wasner Machado⁷ nasceu em Petrópolis, em 24 de abril de 1936, filha de José Wasner e Arina Nogueira Wasner. Fez concurso de habilitação em matemática, física, desenho geométrico e artístico e português, até que, em 1956, ingressou na Escola de Arquitetura da UFMG, onde concluiu o curso de arquitetura em

1960 e a pós-graduação em urbanismo em 1961/62. Foi credenciada como engenheira-arquiteta no CREA em 1961 e seu registro no CAU ainda está ativo, apesar disso, não foi possível contato com a arquiteta. Um entrevistado recorda que a professora era casada com Joany Machado, professor da Escola na área de urbano.

Após formada, a arquiteta atuou consideravelmente no meio universitário e na EA/UFMG. Ainda em 1960, foi admitida como auxiliar de professor catedrático, passando, nos próximos anos, a instrutora de ensino, professora assistente, professora adjunta e pesquisadora. Marina Machado também participou do Conselho de Pós-Graduação da UFMG, da Congregação e do Colegiado, foi supervisora do Laboratório Fotográfico, chefe do ACR e coordenadora do CEPEX (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) e do CENAEX (Centro de Atividades de Extensão). Em 1971, em continuidade à sua ativa participação na Universidade, Marina foi diretora da Escola de Design da UEMG e, de 1991 a 1994, vice-diretora da Escola de Arquitetura. Em 2005 recebeu o título de professora emérita da UFMG.

Assim como muitas arquitetas, Marina Ewellin Wasner Machado exerceu inúmeros trabalhos voltados à história, cultura e memória, área em que elaborou projetos de restauração e conservação de diversos monumentos em Ouro Preto, Tiradentes e Diamantina, fez cursos de inventário de proteção aos bens culturais e participou do Congresso do Barroco promovido pelo Comitê Brasileiro de História da Arte, Revista Barroco e IEPHA em Ouro Preto, juntamente a Suzy de Mello e Maria das Mercês Bittencourt, colegas de profissão.

Além dos trabalhos voltados à pesquisa, história e patrimônio, Marina Machado trabalhou

⁷ Dados coletados no curriculum da arquiteta disponível em *Arquitetura numa cidade moderna – ensino e*

produção (1930-1964) e nos arquivos da Coleção Memória do acervo da Biblioteca Prof. Raffaello Berti.

com planejamento urbano e participou do projeto da estação rodoviária de Belo Horizonte e do sistema viário local, em 1965, junto com Suzy de Mello, sendo as duas únicas mulheres em uma equipe de 10 arquitetos. Se deduziu pelas matérias publicadas em jornais da época que a arquiteta também atuou na área da decoração, visto que, já após sua aposentadoria em 1992, participou de seminários e encontros com a temática (Figura 5).



Figura 5. “Decoração tem encontro marcado”. Estado de Minas, feminino. 15 de março de 1998, Domingo

Fonte: Coleção Memória EA/UFMG.

Maria das Mercês Bittencourt e Marina Machado realizaram alguns trabalhos em conjunto. A afinidade com a área de Patrimônio e Restauração e História da Arquitetura uniu as arquitetas para o desenvolvimento de artigos para jornais (Figuras 6), livros (Figura 7) e, em parceria com Éolo Maia e Jô Vasconcellos, venceram a V Premiação de Arquitetura promovida pelo IAB-MG na categoria Restauração e Patrimônio Histórico por um trabalho posteriormente apresentado no Congresso Brasileiro de Arquitetura em Salvador (Figura 8).

Não foram encontrados relatos sobre a vida pessoal da capixaba **Deisi Ottoni Barbosa**, arquiteta-engenheira pela Escola de Arquitetura em 1955. Entretanto, seu nome aparece em uma publicação no jornal Correio da Manhã de 4 de

março de 1955/ Edição 18998. Ainda estudante, está presente na foto de uma reunião do Conselho de Representantes do BNEAU – Bureau Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo, entidade de representação dos interesses gerais dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Brasil e organização de congressos de Arquitetura na década de 1950. Na descrição, Deisi aparece como 2ª vice-presidente da associação, em uma equipe predominantemente formada por homens (Figura 9).



Figura 6. BITTENCOURT, Maria das Mercês Vasques. MACHADO, Marina Ewelín Wasner. Arquitetura colonial tem traço chinês.

Fonte: Acervo Biblioteca Prof. Raffaello Berti.



Figura 7. BITTENCOURT, Maria das Mercês Vasques. MACHADO, Marina Ewelín Wasner. Arquitetura. In: SERRA da Piedade. Belo Horizonte: CEMIG/UFMG, 1992

Fonte: Acervo Biblioteca Prof. Raffaello Berti.



Figura 8. Estado de Minas – Belo Horizonte, MG.

14 de setembro de 1982

Fonte: Acervo Biblioteca Prof. Raffaello Berti.



Figura 9 - Correio da Manhã (RJ). 4 de março de 1955/ Edição 18998

Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_06&pagfis=45601&url=http://memoria.bn.br/docreader

Deisi Ottoni Barbosa também aparece no periódico de número 53 (mar/maio 1959) da revista *Arquitetura e Engenharia* como arquiteta responsável pelo projeto arquitetônico e de decoração da sede do Clube Cauê, em Vitória – Espírito Santo (Figura 10), construído pela

Companhia Vale do Rio Doce em 1958, na praça Cristóvão Jaques, conhecida como praça Cauê, na Praia de Santa Helena, região nobre da cidade. De arquitetura modernista, (Figuras 11, 12 e 13) o prédio da antiga sede do Clube, que servia para alojar os funcionários da CVRD em viagem, hoje abriga atualmente as funções administrativas, a biblioteca e o auditório da Escola Pública Fernando Duarte Rabelo.



Figura 10. Projeto Cauê Clube, Vitória, ES.

Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia nº53, 1959.

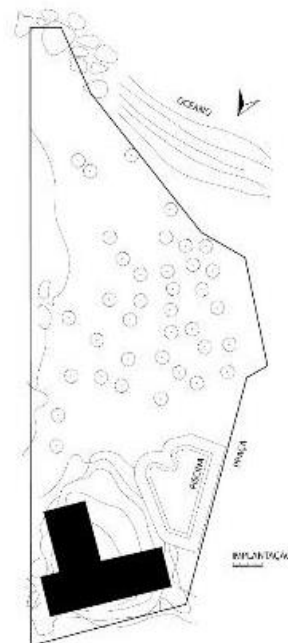


Figura 11. Implantação Cauê Clube, Vitória – ES

Fonte: Desenho elaborado pelas autoras a partir de fotos da revista *Arquitetura e Engenharia*.

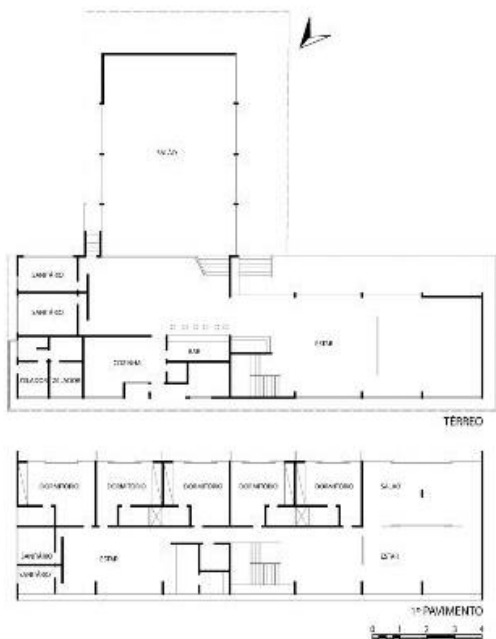


Figura 12. Plantas Baixas Cauê Clube, Vitória – ES

Fonte: Desenho elaborado pelas autoras a partir de fotos da revista *Arquitetura e Engenharia*.

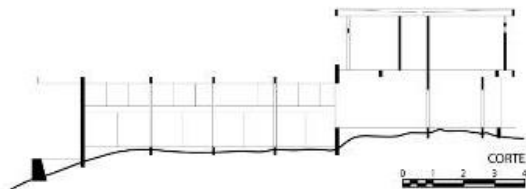


Figura 13. Corte Esquemático Cauê Clube, Vitória – ES

Fonte: Desenho elaborado pelas autoras a partir de fotos da revista *Arquitetura e Engenharia*.

Este projeto, de extração claramente moderna, apresenta planta e fachada livre com estrutura independente de concreto armado. Sua volumetria simples é composta por um bloco principal de 2 pavimentos e uma ala secundária, de nível mais baixo e de pé direito de 4 metros onde se localiza o salão de festas. A harmonia e contraste acontecem a partir da articulação entre repetição de elementos cheios e vazios, cores e texturas, materiais naturais e artificiais e o destaque das linhas de fechamento do edifício em

relação ao terreno. Adequa-se tanto ao clima, por sua orientação sudeste, quanto ao relevo, aproveitamento das condições topográficas e plásticas do terreno, localizado sobre rochas, de formato irregular e acidentado, com vista para o mar.

Isabel Soares Veloso foi diplomada pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais em 1958, entretanto, não foram encontrados relatos de sua vida pessoal. Segundo Silva (2016, p. 167), Isabel Veloso é integrante da Comissão de Construção, Ampliação, Reparo e Conservação dos Prédios escolares do Estado – CARPE. Essa entidade foi criada em 1968, a partir da fusão da Campanha de Reparo e Restauração dos Prédios escolares do Estado (CARRPE) e a Comissão Estadual de Salário Educação (CESE), a fim de expandir a construção escolar pública em Minas Gerais sob a ótica de racionalização e padronização da produção modernista, destacando a arquitetura pública do cotidiano brasileiro.

A Escola Estadual Professor Bolivar de Freiras, no bairro Jardim Guanabara e a Escola Estadual Pero Vaz de Caminho, no bairro Cachoeirinha, na cidade de Belo Horizonte, são projetos de autoria da arquiteta Isabel Soares Veloso. Ambas as escolas (Figura 14a e 14b) pertencem ao padrão construtivo mais utilizado da CARPE, Padrão 4/1979 - variação *Aparente*, caracterizada por uma solução mais robusta para a cobertura (Figura 15a e 15b).



Figura 14. a) e b) EE Professor Bolivar de Freitas e EE Pero Vaz de Caminha – Padrão 4/70 APARENTE – Vistas da rua

Fonte: Google Street View, 2019.

As coberturas são em telhado de telhas cerâmicas em quatro águas sobre laje de concreto pré-fabricada. Vale notar que as lajes se prolongam nos quatro lados do pavilhão. Isso gera não só a proteção aos beirais das circulações como proteção solar para as aberturas dos pavimentos superiores em todas as fachadas. A solução embora fosse onerosa para a execução demandou baixa manutenção (SILVA, 2016, p. 144).

Suzy Pimenta de Mello⁸ (Figura 16) nasceu em 17 de junho de 1932, filha de Dr. Oscar Ferreira de Mello e D. Parisina Pimenta de Mello. Suzy nunca se casou e morava com a mãe próximo à Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, em um prédio projetado por Oscar Niemeyer. Natural de Ibiá, Minas Gerais, viveu parte sua vida em Belo

⁸ Dados coletados no curriculum da arquiteta e nos arquivos disponíveis na Coleção Memória do acervo da Biblioteca Prof. Raffaello Berti – EA/UFMG.

Horizonte, onde ingressou na Escola de Arquitetura da UFMG em 1952, e formou-se engenheira-arquiteta em 1956, eleita melhor aluna da turma, e urbanista, em 1962. Em seguida, recebeu os títulos acadêmicos de Doutora em Arquitetura e Livre Docente da UFMG, com diplomas expedidos pela EA/UFMG. Uma foto composta por homens e mulheres registra a formatura de 1956, entretanto a única mulher diplomada no ano foi Suzy de Mello, o que supõe que as outras mulheres na foto eram convidadas (Figura 17).



Figura 15. a) e b) EE Professor Bolivar de Freitas e EE Pero Vaz de Caminha – Padrão 4/70 APARENTE – Vistas aéreas

Fonte: Google Earth, 2018.



Figura 16. Livro de Arquitetos Engenheiros, 1956
Fonte: Acervo Biblioteca Prof. Raffaello Berti – EA/UFMG.



Figura 17. Formatura de 1956 na Escola de Arquitetura da UFMG. Ao fundo edifício sede da Escola

Fonte: ESCOLA DE ARQUITETURA DA UFMG: lembranças do passado, visão do futuro.

A arquiteta dedicou parte de sua carreira a atividades universitárias e à EA/UFMG, onde foi chefe da seção de pesquisas; supervisora dos serviços de foto-documentação e da biblioteca; coordenadora das Atividades de Extensão e do Boletim Informativo; membro fundador do Conselho de Graduação e Pós-Graduação da UFMG; membro da Egrécia Congregação, do Colegiado de Coordenação Didática, do Conselho

Departamental e do Conselho Diretor do Museu; membro de Comissões Julgadoras de Concursos para professores (Figura 18), para reformulação de currículo do Curso de Arquitetura, para organização de Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, bem como de comissões examinadoras e julgadoras de trabalhos de alunos, concursos, assuntos administrativos etc.; subchefe e chefe do departamento de Análise Crítica e História da Arquitetura; e Pró-Reitora de Pesquisas. Suzy de Mello ainda foi professora, subcoordenadora do Curso de Arquitetura e, entre 1980 e 1982, a primeira diretora mulher da Escola.



Figura 18. Suzy em concurso para catedrático, 1960, Belo Horizonte, MG

Fonte: Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcelos, Escola de Arquitetura da UFMG Autoria: MAZONNI, Marcos de Carvalho; MAZONNI, Gui Tarcísio.

Suzy de Mello lecionou as disciplinas de Planejamento Arquitetônico, Arquitetura Brasileira, História da Arquitetura e, exceção em um cenário que as mulheres geralmente lecionavam disciplinas apenas voltada à história e teoria da arquitetura, foi professora catedrática da disciplina de projeto. Muito querida na Escola de Arquitetura, Suzy de Mello foi homenageada especial de várias turmas de formandos e pelo Diretório Acadêmico e recebeu Votos de louvor por atividades universitárias didáticas e de pesquisa e por seu

desempenho na chefia do Departamento de Análise Crítica e Histórica da Arquitetura.

[...] meus alunos gostam de mim, já fui “homenageada especial” várias vezes e olhe que dou aulas para o terceiro ano, isto é, no quinto eles têm outros interesses, outros professores a agradecer. Sou madrinha de casamento de vários deles, conselheira, amiga, orientadora, pois muitos me procuram aqui para ajuda-los. Todos sabem que sou amiga, estou sempre pronta a ajudar (MELLO, 1969, p. 10) (Figura 19).



Figura 19. “Susi de Melo, o grande vôo nas asas da arquitetura”, Estado de Minas - Caderno Feminino, 20/07/1969, p.10, Belo Horizonte.

Fonte: Coleção Memória EA/UFMG

Ainda em sua trajetória na academia, a arquiteta atuou na Universidade de Brasília, em 1967, como membro da Comissão de Coordenação e de Assessoria da Reitoria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Durante sua vida, estudou e aperfeiçoou seu conhecimento em outras línguas em Universidades no exterior, o que lhe possibilitou inúmeras viagens de estudos, pesquisas e observação, bolsas de estudo e estágios profissionais em outros países, que favoreceram sua carreira. Algo que a própria Suzy de Mello (1969, p.10) destaca em entrevista ao Estado de Minas: “[...] eu tenho uma vantagem sobre muitos professores. [...] Sempre estudei, morei dois anos na Europa, seis meses nos

Estados Unidos, onde volto sempre. Por causa disso falo, como o português, tanto o alemão quanto francês e o inglês.”

A arquiteta também se arriscou nas documentações fotográficas e cinematográficas, produções audiovisuais e criação de diagramação e “lay-out”. Bem como participou de atividades culturais, congressos, cursos, seminários e conferências nacionais e internacionais sobre arte e arquitetura, arquitetura brasileira, colonial e moderna e planejamento urbano. Realizou cursos de extensão e aperfeiçoamento ligados, dentre outras, às temáticas de paisagismo, acústica, teoria e história da arquitetura, documentação e pesquisa, cinema, arte, museologia, arte antiga e barroco mineira. Suzy de Mello desenvolveu importantes projetos sobre a arquitetura de Minas Gerais, objeto de muitos estudos na área de preservação e conservação, em que publicou relevantes obras, como *Barroco* e *Barroco Mineiro*, que a reconheceram como autoridade do barroco mineiro.

Suzy de Mello publicou livros e escreveu cerca de 30 artigos publicados em revistas, jornais e exposições sobre temáticas diversas da arquitetura, e teve seu nome citado em inúmeras obras ligadas à arquitetura. Antes mesmo de se formar, em 1954, foi a primeira mulher a compor a equipe da revista *Arquitetura e Engenharia* como tradutora para inglês, francês e alemão, até 1957, quando passa ao cargo de correspondente internacional na Europa.

Soma-se ao seu currículo, a participação como representante de Minas Gerais no conselho superior do IAB, e, em 1959, 16 anos após a fundação do Departamento de Minas Gerais, renovou-se a diretoria com sua eleição, primeira presença feminina na Diretoria e a ocupar um cargo no instituto, como suplente do Conselho Diretor. Suzy de Mello também foi presidente do

IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico), cargo que lhe impulsionou a lutar pela conservação do espaço cultural na capital Belo Horizonte, sempre a favor da arte e cultura mineira e de sua preservação.

Ainda no campo técnico-profissional foi arquiteta contratada pelo Departamento de Arquitetura da “Mannesmann A.G.” na Alemanha, chefe da equipe de planejamento da Rede Escolar Primária na Comissão Estadual de Salário Educação (CESE) de Minas Gerais, arquiteta consultora do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA) para concurso de construção de sua sede própria e membro da comissão de construção da nova sede do Instituto Cultural Brasil-EUA. Suzy de Mello pertenceu ao Sindicato da Construção Civil de Belo Horizonte, ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ao Instituto Brasileiro de Acústica (AIAP), à Associação Internacional de Artistas Plásticos, foi sócia honorária da Sociedade Amigas da Cultura e sócia fundadora da Minas Gerais Alumni Association.

Suzy de Mello também realizou inúmeros projetos arquitetônicos, de interiores, e de planejamento urbano, sempre se preocupando com a produção moderna. Dentre os projetos arquitetônicos de sua autoria, estão os projetos desenvolvidos para a Mannesmann A.G., na Alemanha, inúmeras residências em Minas Gerais,

solo ou coautoria, o Centro Paroquial e Recreativo da Missão Salesiana, na África, e projetos de arquitetura de residências e escritórios em Belo Horizonte. Na Coleção Memória da EA/UFMG foi encontrado o projeto da residência do Dr. Odilon de Carvalho Gomes, de autoria da arquiteta (Figura 20).

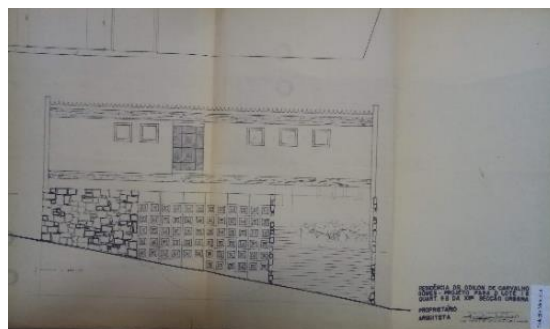


Figura 20. Vista frontal, Residência Dr. Odilon de Carvalho Gomes, Belo Horizonte
Fonte: Coleção Memória EA/UFMG.

O projeto da Residência para José Maria de Salles (Figura 21), de 1960, em Belo Horizonte, foi publicado na revista *Arquitetura e Engenharia* número 81, periódico isolado das edições publicadas da revista. O lote abriga uma residência (Figura 22) para um casal com 5 filhos que se dá no segundo nível, com um programa básico e, no térreo um escritório e um apartamento para hóspedes, independentes.

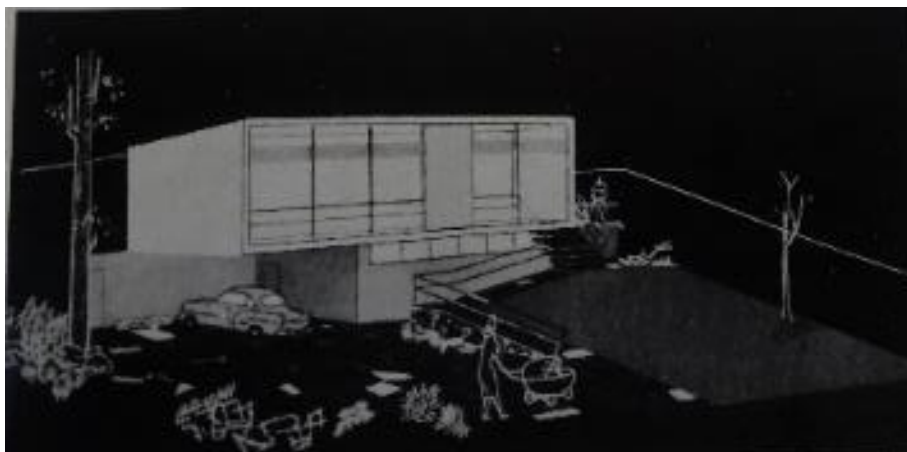


Figura 21. Residência José Maria de Salles, Belo Horizonte. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia nº 81.

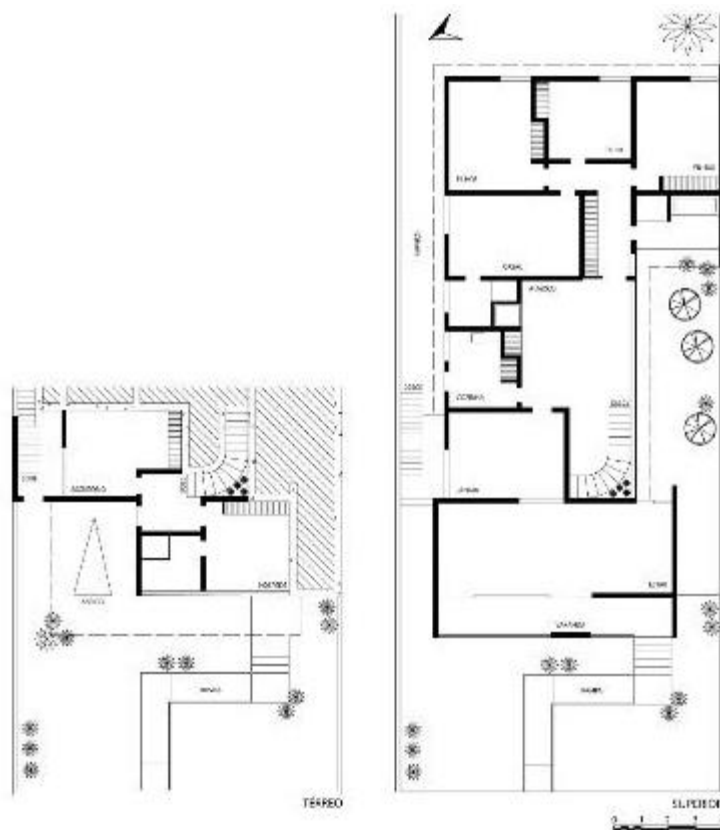


Figura 22. Plantas Baixas Residência, Belo Horizonte – MG

Fonte: Desenho elaborado pelas autoras a partir de fotos da revista *Arquitetura e Engenharia*.

A residência, embora não apresente planta livre e estrutura independente, formalmente, se apresenta vinculada ao estilo moderno. O projeto, de sistema estrutural pilar/ viga em concreto armado, foi concebido para um terreno acidentado com pouca testada (12x40metros). Seu grande plano de vidro, na fachada principal, integra espaço interno e externo, aproximando a área social do jardim recortado por rampas. Pela perspectiva, é possível perceber a harmonia pelo contraste entre cheios e vazios, e texturas dos materiais utilizados. Adequa-se à orientação solar, com os dormitórios voltados a norte/leste e um jardim interno que proporciona um ambiente verde para o andar superior, tornando-se um local bastante ameno pela proteção que recebe da própria casa.

Enquanto arquiteta realizou importantes projetos de planejamento urbano: foi antiga participante do plano piloto de Brasília, como arquiteta da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), e comandou a equipe de elaboração do projeto da Estação Rodoviária de Belo Horizonte e do sistema viário local. A arquiteta ganhou dois prêmios pelo IAB sobre planejamento urbano regional pelo Sistema Viário Local e prédio da Estação Rodoviária de Belo Horizonte.

Suzy de Mello se preocupava com a questão de gênero e destacava a desigualdade para a mulher conquistar sucesso profissional. Em entrevista ao Estado de Minas relata:

Homem nenhum aceita supremacia feminina com muito gosto. Eu acho que uma mulher para se salientar em alguma

coisa deve sair do mediano e mesmo que esteja convivendo numa sociedade de medianos, só será reconhecida se for mais inteligente que todos eles. Isto é, se você fosse homem, podia ser igual. Sendo mulher, tem que ser melhor para ser aceita assim com você? [...] E não me importo de fazer valer meus direitos, meus pontos de vista, de discutir e fazer um colega sumir na cadeira [...]. Não é por ser mulher que seria de outra forma. [...] Mas não tenho do que me queixar. Ganho muitíssimo bem – salário alto até para homem. Eu acho até que é por causa disso que nunca me casei. Quando num baile eu contava ao rapaz o que era, sentia que ele ia murchando, o interesse morrendo. Mulher com carreira de homem em Minas ainda é olhada com suspeita. Mas as coisas estão mudando e mudando para melhor (MELLO, 1969, p.10).

Suzy de Mello foi muito respeitada por seus colegas de profissão, e ganhou reconhecimento e renome na arquitetura. Em 1982, aos 52 anos, após ministrar inúmeros cursos e palestras por sua vasta experiência, a arquiteta faleceu, deixando um enorme legado para a arquitetura (Figura 23).

As mulheres na revista *Arquitetura e Engenharia*

As revistas de arquitetura são uma importante documentação para a história da Arquitetura, tanto no âmbito acadêmico como profissional. Entende-

se que “(...) os periódicos contam sua própria história. Isto é, contam uma história a partir do ponto de vista de seus agentes.” (SIOLARI, CAMISASSA, 2019, p. 9). Dessa forma, as referências às mulheres arquitetas urbanistas, em periódicos, concomitante aos seus anos de atuação, representam o crédito e o reconhecimento de suas produções, entre seus pares.



Figura 23. “Nosso patrimônio está mais pobre: morreu Suzy de Mello”. DIÁRIO DA TARDE. Belo Horizonte, 3 jan. 1985

Fonte: Coleção Memória EA/UFMG.

A revista *Arquitetura e Engenharia* foi o primeiro periódico especializado, da área de Arquitetura e Urbanismo, publicado em Minas Gerais. Foi lançado em Belo Horizonte, em maio/junho de 1946, vinculado ao Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de Minas Gerais. A primeira edição da revista se entendeu até 1965, contando com um relançamento em 1988, que se prolongou até 1994, publicados com uma frequência bimestral⁹. Importante veículo de

⁹ Catálogo da Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais. Periódicos da Revista *Arquitetura e Engenharia* disponíveis na Biblioteca da EA/UFMG: 1946 1(1-3); 1947 1(4-6); 1948 2(7-8); 1949 3(9-11); 1950 3(12-14); 1951 3(15-19); 1952 4(20-22 SUPPL, 23); 1953 5(24 NESP,25-28); 1954 6(29-30 SUPPL, 31-33); 1955 6(34-37); 1956 7(38-42); 1957 7(43-47); 1958

8(48-51); 1959 9(52-56); 1960 10(56,57 NESP,58); 1961 11(60-63); 1962 12(64-65) 1963 13(66); 1964 14(67); 1965 15(68); 1981 12(81); 1984 13(91); 1988 39(160); 1989 40(161); 1990 41(162-163); 1991 41(164-166); 1993 44(167); 1994 45(168) Período: 1946 a 1965/ Volumes: 1 a 15/ Números: 1 a 68.

informação e disseminação da profissão e da arquitetura moderna brasileira, a Revista expunha projetos de arquitetos de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, artigos informacionais e críticos sobre o meio da Arquitetura e da Engenharia e, em segundo plano, propagandas comerciais, mas que também refletiam o pensamento vigente. Observa-se os ideais modernistas presentes na concepção da Revista, nos projetos arquitetônicos, de urbanismo e de interiores, apresentados por croquis, figuras e fotos com breves descrições e na própria estética da Revista.

No geral, o periódico apresentava uma média de, aproximadamente, 4 projetos por publicação. Dentre os 68 números analisados na pesquisa, chega-se ao total de aproximadamente 272 publicações de projetos arquitetônicos e urbanísticos, de arquitetos renomados, especialmente aqueles diplomados na EA/UFMG.

Também fazem parte do escopo da revista, informações a respeito das instituições de arquitetura e engenharia (Figuras 24 e 25), principalmente do IAB-MG e da Escola de Arquitetura. Esse conteúdo reflete a equipe de diretores e críticos composta, dentre outros, por ex-alunos e professores da Escola, como Raphael Hardy Filho, Eduardo Mendes Guimarães Junior, Shakespeare Gomes e Sylvio de Vasconcellos, que se ampliou e se modificou no decorrer das publicações. Com uma tiragem inicial restrita a Belo Horizonte, a revista se expandiu para sedes no Rio de Janeiro e São Paulo entre 1947 a 1950.

Era comum, ao final de cada período letivo, uma publicação com a foto dos diplomados pela Escola de Arquitetura. No periódico de número 12 (janeiro/fevereiro 1950) há uma foto da turma de formandos de 1949 (Figura 26), que apresenta a

primeira mulher diplomada pela Escola de Arquitetura, Dalva de Siqueira Queiroz, em uma turma predominantemente masculina. E no periódico de número 52 (janeiro/fevereiro 1959) uma matéria a respeito dos “Arquitetos de 1958 pela U.M.G” mostra a foto dos formandos da turma de 1958, entre eles as arquitetas identificadas na pesquisa: Frieda Froeseler, Isabel Soares Velloso, Maria das Mercês Vasques de Miranda e Maria Lúcia Ribeiro Gouvêa (Figura 27).



Figura 24. “IAB-MG 50 anos”

Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia.



Figura 25. “Nova diretoria do sindicato dos engenheiros”; “Arquitetos de 1950 Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais”

Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia.

Sob a perspectiva de gênero, observa-se que a quantidade de projetos de arquitetas e artigos sobre as arquitetas ou escritos por elas, em comparação ao de publicações a respeito e feito por homens é contrastante. Por exemplo, dos aproximadamente 272 projetos publicados, apenas 5 foram identificados como de autoria feminina (aproximadamente 1,8%). Desses, 2 são destacados nesse trabalho, por serem de autoria de arquitetas mineiras, já citadas.

Nos escritos, há a participação de Suzy de Mello na equipe técnica e editorial da Revista. A arquiteta foi a primeira mulher a compor efetivamente a equipe da Revista, em 1957, como correspondente internacional na Europa. Ainda graduanda na Escola, também participou da Revista como tradutora da revista para inglês, francês e alemão, entre 1954 e 1957.

Foram consultados todos os periódicos disponíveis no acervo da biblioteca da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG a fim de encontrar projetos realizados ou de coautoria de mulheres, especialmente as formadas na EA/UFMG, e matérias sobre ou escritas por mulheres. Suzy de Mello, logo após entrar como correspondente internacional da revista, já teve uma publicação de sua autoria no periódico número 47 (nov/dez de 1957), com a matéria “Iterbau, Berlim” (Figura 28). E em 1958, no periódico de número 49 (mar/maio 1958), publicou um texto escrito por ela sobre a Exposição Internacional de Bruxelas, intitulado “As Exposições Através dos Séculos” (Figura 29), que ganhou a capa da revista.

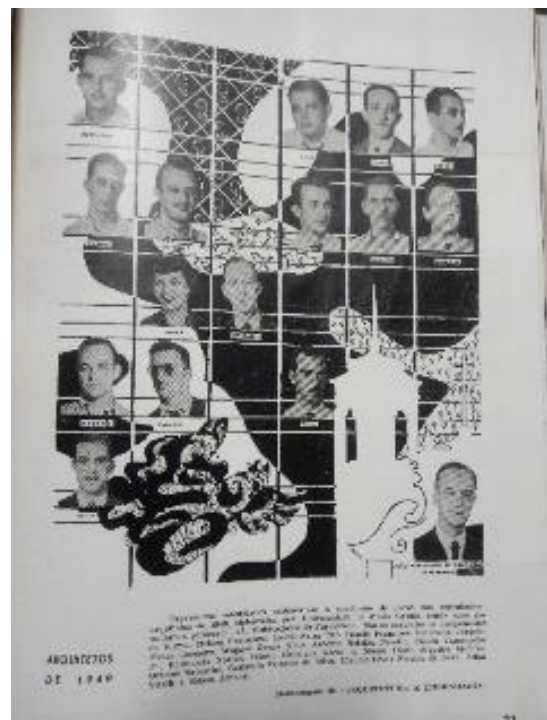
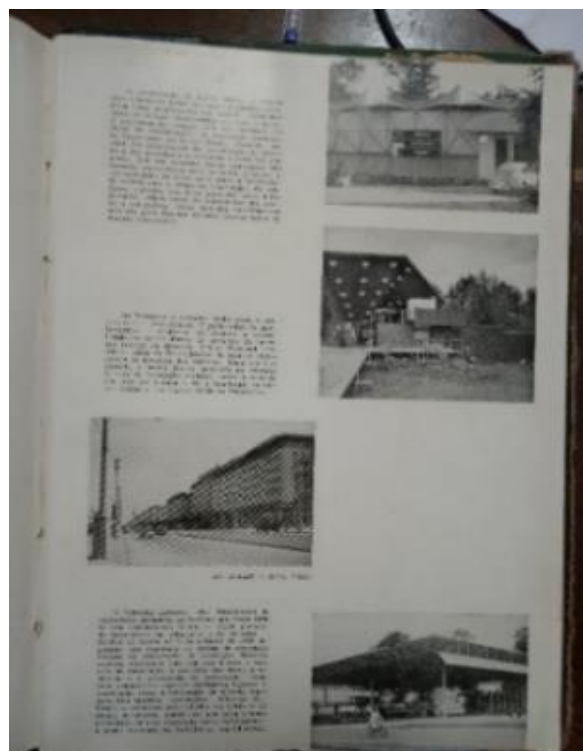


Figura 26. “Arquitetos de 1949. Escola de Arquitetura”

Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia nº12.



Figura 27. "Arquitetos de 1958 pela U.M.G"
Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia nº52.

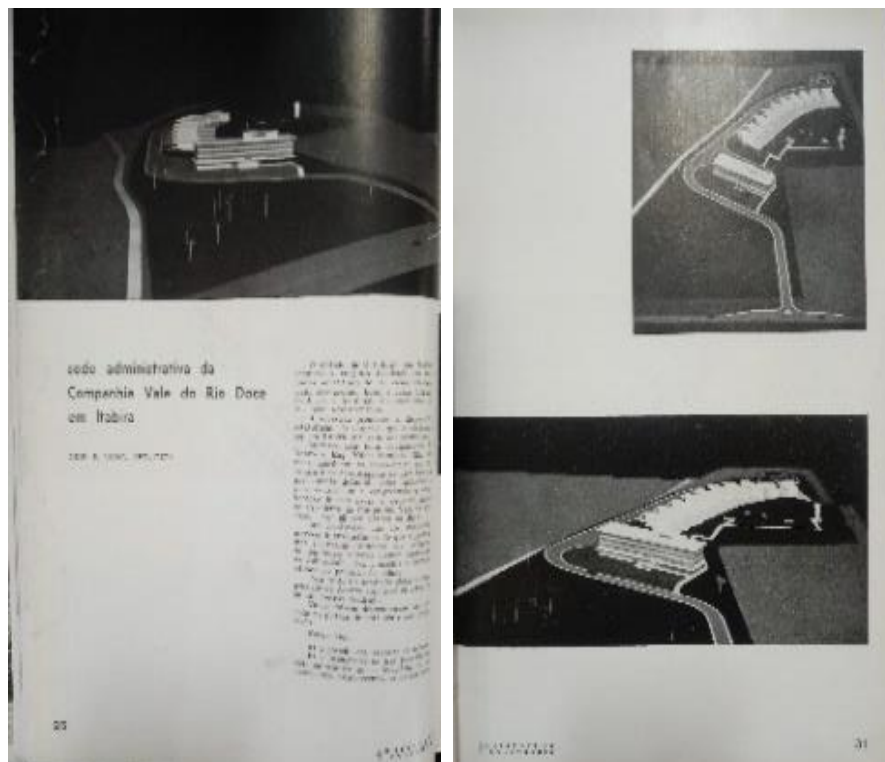


Figuras 28. "Interbau, Berlim". Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia nº47
Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia nº47.



Figuras 29. “As exposições através dos séculos”

Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia nº49.



Figuras 30. “Sede Administrativa da Companhia Vale do Rio Doce em Itabira”

Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia nº 64.

Suzy de Mello aparece novamente na revista em informativos curtos e seu nome vinculado ao

IAB. Seu projeto para a Residência José Maria de Salles, em Belo Horizonte, e o projeto de Deisi

Otoni Barbosa para a sede do Clube Cauê, em Vitória, já mostrados, são as únicas análises projetuais encontradas na revista a respeito das arquitetas mineiras identificadas na presente pesquisa. Outros nomes femininos aparecem eventualmente no decorrer dos periódicos, como a arquiteta Deisi B Viana, autora do projeto da Sede da Companhia Vale do Rio Doce em Itabira (Figura 30), exposto no periódico número 64 (1962). Atualmente o edifício, conhecido com Prédio do Aerão, abriga a faculdade Funcesi.

Lina Bo Bardi também teve seu espaço na revista pela autoria dos mobiliários para a Residência à Rua dos Estados Unidos, em São Paulo (Figura 31). Sabe-se da importância e do reconhecimento de Lina Bo Bardi para a arquitetura moderna brasileira que por muito tempo, a única arquiteta brasileira a receber destaque por seus pares. “No Brasil, o nome de Lina Bo Bardi foi, durante décadas, o único nome de arquiteta citado nos livros de arquitetura” (GÁTI, 2019, p.4, apud GÁTI, 2017). Maria Elisa Costa, filha de Lúcio Costa, também aparece na revista *Arquitetura e Engenharia*, em coautoria pelo projeto do Edifício Sede da Panair em Brasília (Figura 32). Após se diplomar pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1958, já começou a trabalhar como arquiteta na Novacap, em 1959.

Vale ressaltar que os anúncios e as propagandas comerciais presentes na revista (Figura 33) também são importantes ferramentas de análise da lógica de gênero. Observa-se que as mulheres quase sempre estavam relacionadas a fazeres domésticos e/ou em um papel de dominação em relação aos maridos, reproduzindo a domesticidade feminina.



Figura 31. “Residência à Rua Estados Unidos – São Paulo”

Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia.

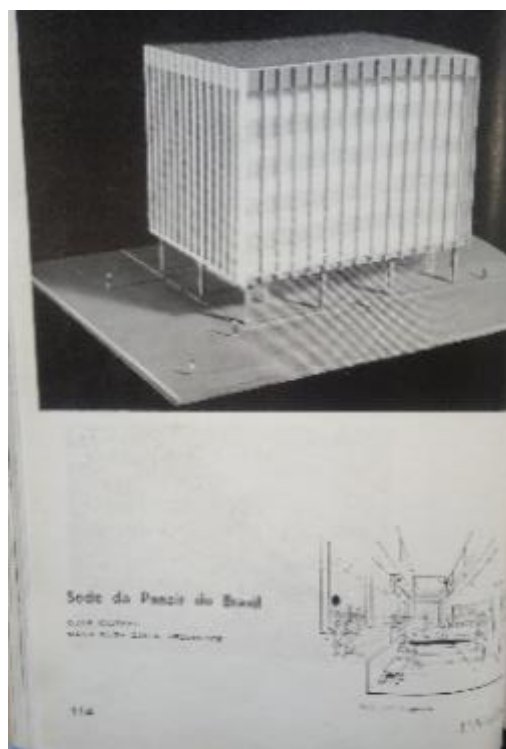


Figura 32. “Sede da Panair do Brasil”

Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia.



Figura 33. Anúncios e Propagandas

Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia.

Também resultado dessa pesquisa, observou-se publicações sobre, escrita por, ou que citavam as arquitetas foco da pesquisa no jornal *Estado de Minas*, um dos mais importantes e notáveis jornais impressos brasileiro, que circula em Minas Gerais desde 1928. Na pasta de arquivos referente a Marina Ewellin Machado e a

Suzy de Mello foram encontradas matérias, publicadas a partir de 1960, e a existência de seções no jornal que eram destinadas às mulheres, como *feminino* e *caderno feminino*, que destacaram nomes femininos como das arquitetas



em questão (Figura 34).

Figura 34. “Suzy de Mello: mulher nota dez”.

Estado de Minas, Belo Horizonte. 29/08/1984

Fonte: Coleção Memória EA/UFMG.

Considerações Finais

Da identificação das arquitetas e urbanistas que se diplomaram na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, desde sua fundação até 1960, e que exerceram a profissão no início do século XX observa-se o lugar ocupado pelas mulheres na arquitetura moderna belorizontina, tanto no meio acadêmico quanto profissional, e a reprodução da lógica de gênero social existente até hoje.

A presença feminina no meio acadêmico e no mercado de trabalho foi bem reduzida, e infere-se, pela falta de dados, que a maioria das mulheres diplomadas no período limitado da presente pesquisa não desempenharam ou obtiveram êxito profissional. Ainda assim, as arquitetas destacadas que atuaram na profissão, dedicaram-se majoritariamente ao ensino e à pesquisa nas Universidades e às áreas da arquitetura que exigiam maior refinamento manual e estético,

como preservação, paisagismo e interiores, tidas como trabalho “de mulher” e de predominância da presença feminina no movimento moderno.

Suzy de Mello foi arquiteta de renome no cenário mineiro da época e uma profissional completa, que atuou em uma pluralidade de áreas da arquitetura e urbanismo, entretanto caracteriza-se como exceção à presença e atuação feminina na arquitetura moderna. Vale ressaltar que a partir da sua participação na equipe efetiva da revista *Arquitetura e Engenharia*, as mulheres ganham mais espaço nos periódicos, mas ainda longe de equiparar-se à notoriedade masculina na revista.

Conclui-se, portanto, que a inserção feminina na arquitetura moderna brasileira não foi uniforme e reforçou a hierarquia de gênero. Apesar do sucesso profissional de algumas das mulheres identificadas na pesquisa, a feminização da arquitetura ainda se dá de forma lenta e encontra muitas barreiras na desconstrução da lógica de gênero e de dominação masculina enraizada socialmente, que acaba por invisibilizar as mulheres arquitetas e ocultar o reconhecimento por seus pares.

Nesse sentido, o aumento gradual de artigos científicos, teses e livros acerca da relevância das questões de gênero, como a presente pesquisa, ganham espaço no cenário universitário. Entretanto, estão limitadas ao ambiente acadêmico e às pessoas que já possuem interesse no tema.

Referências

Acervos: BU Memória - Biblioteca Central da UFMG.

Coleção Memória Biblioteca Prof. Raffaello Berti – EA/UFMG.

Escola de Arquitetura concede título de Professor Emérito a seis docentes. UFMG, 2005. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/002792.shtml>>. Acesso em: 12 mai. 2020.

Escola Fernando Duarte Rabelo. Modernismo em Vitória – ES. Disponível em: <<https://modernismoemvitoria.wordpress.com/obras/escola-fernando-duarte-rabelo/>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

GÁTI, Andréa Halász. **Lina e Zaha: Exceções que confirmam a regra.** In: 6º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte/MG, 2019.

GÁTI, Andréa Halász. **Onde não estão as arquitetas? Revisão historiográfica das questões de gênero na arquitetura moderna brasileira.** In: V Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte/MG, 2017.

História da EA. Escola de Arquitetura da UFMG. Disponível em: <<https://sites.arq.ufmg.br/ea/sobre-a-ea/historia/>> Acesso em: 22 out. 2019.

Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos – EA/UFMG.

LEMOS, Celina Borges; DANGELO, André Guilherme Dornelles; CARSALADE, Flávio de Lemos (Orgs.). **Escola de arquitetura da UFMG. Lembranças do passado, visão do futuro.** 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

MELLO, Suzy Pimenta de. **Susi de Melo, o grande vôo nas asas da arquitetura.** Entrevista concedida a Anna Marina. Estado de Minas - Caderno Feminino, Belo Horizonte, p.10, 20 jul. 1969, p.10.

MORAES, Eduardo R. Affonso. **História da Universidade Federal de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, Vol. I e II, 1971.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de; PERPÉTUO, Maini de Oliveira. O ensino na primeira escola de arquitetura do Brasil. **Vitruvius**, ano 06, nov. 2005. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.066/408>>. Acesso em: 6 abr. 2020.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de; PERPÉTUO, Maini de Oliveira. **Arquitetura numa cidade moderna – ensino e produção (1930-1964).** 2004. Belo Horizonte/MG, Vol. 2, p. 173-182.

Pesquisa CAU/BR revela perfil profissional dos arquitetos e urbanistas brasileiros. CAU/BR, 2019. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/pesquisa-cau-br-revela-perfil-profissional-dos-arquitetos-e-urbanistas-brasileiros/>> Acesso em: 20 mai. 2020.

Revista arquitetura e engenharia. Belo Horizonte. 1946-1994.

RIBEIRO, Patrícia Pimenta Azevedo. **A Participação da Escola de Arquitetura na Construção do Pensamento Moderno em Belo Horizonte.** 2016. Disponível em: <[\[content/uploads/2016/01/Patricia_ribeiro.pdf\]\(content/uploads/2016/01/Patricia_ribeiro.pdf\)>.](https://docomomo.org.br/wp-</p></div><div data-bbox=)

Acesso em: 25 jun. 2020.

SILVA, Geraldo Ângelo de Almeida e. **Arquitetura Escolar em Minas Gerais: A Experiência da CARPE.** 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

SIOLARI, Maristela; CAMISASSA, Maria Marta dos Santos. Os periódicos como fonte essencial para revisão da historiografia: A favor das interpretações da recepção dos ideais modernos no Brasil na década de 1920. In: ____ **Estudos Brasileiros sobre Patrimônio.** 1. ed. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2019. v. 2, p. 6-15.

STRATIGAKOS, Despina. **Where Are the Women Architects?** New Jersey, Princeton University Press, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **1930 - 1970 Escola de Arquitetura da UFMG.** Belo Horizonte, EA/UFMG, 1970.